

Desenvolvimento Local e “O Maior São João do Mundo”

Lydia Maria Pinto Brito, Maria Érica de Lira Santos, Fernanda Fernandes Gurgel

Resumo

O Desenvolvimento Local (DL) é um processo de articulação, coordenação e inserção dos empreendimentos empresariais, associativos e individuais, comunitários, urbanos e rurais, a uma nova dinâmica de integração socioeconômica de reconstrução do tecido social, propiciador de desconcentração das riquezas. Este estudo de campo, de natureza qualitativa e descritiva, tem como ponto de partida o seguinte problema: Como os atores sociais percebem a influência do fenômeno cultural “O Maior São João do Mundo” para o DL de Campina Grande? Seu objetivo geral é analisar a percepção de atores sociais sobre a influência do evento para o DL da cidade. Tem como marco teórico e referencial de análise a Sociologia do Desenvolvimento, que defende a importância da emergência de atores sociais e sua articulação em redes de relacionamentos para elaboração de projetos coletivos e criação de instituições viabilizadoras das propostas de interesse do conjunto da comunidade local. Os 45 sujeitos da pesquisa são atores do processo que exercem as funções que viabilizam o funcionamento do evento, tais como prefeito, secretário, organizador de quadrilha, dançarinos, representante da igreja, associações e escola, costureira, dentre outros. Os resultados obtidos apontam a emergência de atores sociais, formação de redes de relacionamento, elaboração de projetos coletivos e a criação de instituições. As conclusões sinalizam para a existência de um grande potencial no local para a realização de movimentos de influência da base para a cúpula política e administrativa, indícios de possibilidade de concretização de DL de acordo com as referências adotadas.

Palavras-chave

Desenvolvimento Local. Atores Sociais. Redes de Atores Sociais. Projeto Coletivo. Instituições.

Abstract

Local Development (LD) is a process of articulation, coordination and

integration of business enterprises, associations and individuals, community, urban and rural areas, a new integration dynamics of socio-economic reconstruction of the social fabric that favors devolution of wealth. This field study is qualitative and descriptive, and it has as its starting point the following problem: how social actors perceive the influence of the cultural phenomenon "The Greatest *São João* Party in the World" to the DL of Campina Grande. Its overall objective is to analyze the perception of social actors regarding the influence of the event for the city's DLS. Its theoretical and analytical framework is the Sociology of Development, which advocates the importance of the emergence of social actors and their coordination in relationship networks to the development of collective projects and the creation of institutions that enable the proposals that benefit the local community. The 45 subjects are actors in the process performing the functions that enable the event to take place, such as: mayor, secretary, organizer of the dance group, dancers, church representatives, seamstresses, and school associations, among others. The results indicate the emergence of social actors, formation of networks, development of collective projects and institution building. The findings point to the existence of great potential on-site to perform movement influence of the basis for the political leadership and administration, indication of possibility of realization of DL in accordance with the adopted references.

Keywords Local Development. Social Actors. Social Actors Networks. Collective Project. Institutions.

INTRODUÇÃO

Segundo Hawken, Lovins e Lovins (1999), ao longo da história, as estratégias de desenvolvimento concebidas pelo Estado, de cima para baixo, sempre se basearam na busca do crescimento econômico a qualquer preço, no consumismo e na destruição da natureza, que, até pouco tempo atrás, era considerada um fator abundante e inesgotável.

No âmbito dessa discussão complexa, surge a política do Desenvolvimento Local (DL), que, segundo Brito (2005), é um processo de articulação, coordenação e inserção dos empreendimentos empresariais, associativos e individuais, comunitários, urbanos e rurais, a uma nova dinâmica de integração socioeconômica de reconstrução do tecido social para a geração de emprego e renda.

Neste contexto, emerge a necessidade de se buscar alternativas, alinhadas com a valorização dos elementos culturais do povo que possam impulsionar o DL, com o objetivo de construção de um modelo eficaz que esteja alicerçado num tripé que envolva crescimento econômico,

justiça social e preservação ambiental. Esta necessidade torna-se ainda mais urgente quando se analisa o desenvolvimento atual dos municípios no Brasil, em especial do Nordeste, os quais têm como base econômica a agricultura de pequena escala e pouco diversificada.

Assim, segundo Ribeiro (2007), o desenvolvimento local pode ser entendido como aquele processo reativador da economia e dinamizador da sociedade local, o qual, mediante o aproveitamento eficiente dos recursos internos disponíveis em uma zona determinada, é capaz de estimular o crescimento econômico, criar emprego e melhorar a qualidade de vida da comunidade local.

Desta forma, este estudo, de natureza qualitativa, tem como ponto de partida o seguinte problema: Como os atores sociais percebem a influência do fenômeno cultural “O Maior São João do Mundo” para o Desenvolvimento Local (DL) da cidade de Campina Grande? Seu objetivo geral é analisar a percepção dos atores sociais sobre a influência de “O Maior São João do Mundo” para o DL da cidade de Campina Grande. Tem como objetivos específicos: investigar se o “O Maior São João do Mundo” mobiliza e contribui na formação de atores sociais; verificar a existência de formação de redes de atores sociais e parcerias entre a sociedade civil organizada, poder público e patrocinadores, na viabilidade do desenvolvimento de um projeto coletivo; identificar a existência de um projeto coletivo no contexto das organizações que realizam o evento cultural em estudo; e identificar o modelo do sistema institucional utilizado na promoção do evento. O referencial de análise adotado é a Sociologia do Desenvolvimento, a partir de Teisserenc (1994).

O artigo está estruturado nas seguintes seções, além desta Introdução: 2. Abordagem Sociológica de Desenvolvimento Local, 3. Metodologia, 4. Resultados e 5. Considerações Finais.

ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

A internacionalização do capitalismo acarreta a discussão em torno da oportunidade de mudança na forma de racionalização e intervenção do Estado burguês e de suas instituições na economia. É um momento em que é recolocada em pauta as ambivalências da cidadania fundada na propriedade e as coletividades passam a tomar iniciativas de elaboração de projetos coletivos, redimensionando a atividade política e multiplicando os seus sujeitos e as suas arenas. Desta forma, o processo de desenvolvimento local emerge no instante em que, no conjunto dos países industrializados, o Estado, poder político centralizado, e as coletividades locais mudam a forma de relacionamento, conhecem tensões e realizam a descentralização. É um momento em que as instâncias locais reivindicam autonomia e contestam modelos anteriores de desenvolvimento. É um contexto também de crise das finanças locais e de procura de novas regras do jogo e de novas regulações no que concerne a território, parceiros, Estado e outras coletividades territoriais.

O processo de Desenvolvimento Local, enquanto “um processo de articulação, coordenação e inserção dos empreendimentos empresariais, associativos e individuais, comunitários, urbanos e rurais, a uma nova dinâmica de integração socioeconômica de reconstrução do

tecido social de geração de emprego e renda" (ALBUQUERQUE, 1998, p. 15), surge como um fenômeno que coloca em evidência: os atores sociais, as redes de cooperação, o sistema institucional que eles conseguem construir e os projetos coletivos. Objetiva fortalecer os empreendimentos empresariais associativos e os microempresários para que gerem empregos sustentáveis. Ele é

[...] uma resultante direta da capacidade dos atores e das sociedades locais se estruturarem e se mobilizarem, com base nas suas potencialidades e sua matriz cultural, para definir e explorar suas potencialidades e especificidades, buscando competitividade num contexto de rápidas e profundas transformações. No novo paradigma de desenvolvimento, isto significa, antes de tudo, a capacidade de ampliação da massa crítica dos recursos humanos, domínio do conhecimento e da informação, elementos centrais da competitividade sistêmica (BUARQUE, 1998, p.15).

O local é entendido como um meio de pertença que permite a uma população reconhecer em si traços característicos, e mesmo laços de solidariedade, que exercem uma certa influência sobre as mudanças socioeconômicas, em favor das formas de intervenção oferecidas pelas instituições governamentais e associativas (JOYAL, 1994). Suas estratégias fundamentais de ação são:

(i) a articulação produtiva do tecido empresarial e das diferentes atividades rural-urbanas, agroindustriais e de serviço do território; (ii) o compromisso com a geração de emprego produtivo e o funcionamento do mercado de trabalho local; (iii) o conhecimento das tecnologias que melhor se adéquam à dotação de recursos e potencialidades territoriais e a atenção às inovações tecnológicas e organizativas apropriadas aos níveis produtivos e empresarial locais; (iv) a participação dos trabalhadores locais na redefinição da organização produtiva; (v) a adaptação do sistema educativo e de capacitação profissional à problemática produtiva e social territorial; (vi) a existência de políticas específicas de apoio à pequena, média e microempresa [...]; (vii) o acesso aos serviços avançados de apoio à produção (informação, capacitação empresarial e tecnológica, financiamento da pequena e média empresa e microempresa) (ALBUQUERQUE, 1998, p. 75).

Não, é uma síntese do pensamento do autor. Os elementos básicos das iniciativas locais de desenvolvimento são: a coordenação dos diversos agentes públicos e privados que atuam no território, o acesso aos serviços estratégicos para incorporação de inovações tecnológicas e empresariais no tecido produtivo territorial, a criação de "incubadoras de empresas" para multiplicação das iniciativas empresariais, a concentração dos serviços elementares (administrativos, contábeis, telecomunicações, formação básica de gestão empresarial) em local cedido pelo próprio município, pela câmara de comércio local ou associação de empresários e, fundamentalmente, o estímulo às lideranças emergentes, bem como a capacitação do novo empresário. Não é citação direta.

Neste processo, cabe ao Estado o estímulo às iniciativas locais de desenvolvimento já que a "descentralização, longe de desobrigar o Estado de suas responsabilidades, geralmente as

põe ainda mais evidentes” (ALBUQUERQUE, 1998, p. 92), sendo-lhe cobrado um papel fundamental na promoção de saúde e capacitação; na sensibilização sobre os conceitos e ações relacionadas ao desenvolvimento sustentável; na disponibilização dos sistemas de ciência e tecnologia; na promoção de serviços de informação e bases de dados de interesse empresarial; no levantamento de mercados externos; no fornecimento de infraestrutura básica de energia, abastecimento d’água, transporte e telecomunicação; e na facilitação do acesso a fontes apropriadas de crédito e capital aos pequenos, médios e microempresários.

Os atores sociais do processo de desenvolvimento local são aqueles cujas qualificações e competências os predestinam a representar um papel particular na realização das políticas de desenvolvimento, tais como diretores de serviços ou de agências de desenvolvimento, representantes institucionais, encarregados de funções, gerentes de projetos, empresários, lideranças comunitárias, operadores (responsáveis por colocar em prática as políticas) e representantes eleitos, quer sejam incentivadores ou não das políticas de desenvolvimento (TEISSERENC, 1994). Eles agem como novas elites locais modernizadoras, conciliadoras e militantes, de maneira a produzir uma transformação no seio da coletividade, realizando um trabalho como “um agente que impõe a essa coletividade sua própria transformação interpretando pressões externas para vencer a resistência dos sistemas de reprodução” (TOURAINÉ, 1984, p. 236).

O sistema institucional tem como objetivos criar e/ou fortalecer as estruturas encarregadas de promover as políticas de desenvolvimento local, tais como: agências de desenvolvimento, serviços de economia de uma coletividade e estruturas intermunicipais; e promover a transformação dos serviços existentes: serviços técnicos das coletividades, serviços do Estado e estruturas municipais e outros organismos de caráter privado ou não governamental. A organização em desenvolvimento social, enquanto sistema social aberto para promover mudanças duráveis, integrar os atores do desenvolvimento e implantar projetos coletivos, precisa criar as condições de aprendizagem e difundir uma cultura democrática. Tem como consequência fazer do Estado não somente um regulador das relações civis, mas um agente do desenvolvimento econômico e social.

O novo modelo, não mais fundado na hierarquia política, incentiva núcleos de peritos que privilegiam as categorias e as linguagens científicas para legitimar as ações. Valoriza a mobilidade de grupos de apoio, na busca de uma transparência social, levando o ator administrativo envolvido nas organizações a desenvolver relações estratégicas e distanciadas, desenvolvendo sua carreira pelo cumprimento de missões sucessivas em estruturas que tendem a se organizarem como redes. Para a sociologia, “se o mundo social, com as suas divisões, é qualquer coisa que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e sobretudo ‘coletivamente’, na cooperação e no conflito, resta que tais construções se não operem no vazio social” (BOURDIEU, 1994, p. 13) e sim “na estrutura da distribuição das diferentes espécie de capital, que são também armas, governa as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas que visam conservá-lo ou transformá-lo” (BOURDIEU, 1994, p. 13).

Implica na gestão das funções de transição, tais como: função de estímulo à emergência de

novas identidades; função de reconhecimento das lógicas coletivas emanadas de grupos, de comunidades, de novas categorias sociais dentro da empresa; função de confrontação das lógicas a partir do encontro entre atores antigos e novos; uma função de aprendizagem cultural, facilitando o acesso a uma outra leitura do processo de identidade, e uma compreensão enriquecida dos valores e culturas dos outros (TEISSERENC, 1994); e função de institucionalização das estruturas e das regras do sistema social.

As redes naturais/informais (familiares, profissionais e institucionais que formam a trama básica da sociedade), funcionais (relativas à estrutura de funcionamento de uma gama variada de organizações de um mesmo ambiente) e utilitárias (que visam melhorar as intervenções nas redes funcionais) de cooperação mútua consistem no conjunto de atores sociais interdependentes, que superam antagonismos locais graças à cooperação mútua, construída na prática cotidiana de resolução de problemas e elaboração e execução de programas integrados em parcerias com os poderes públicos territoriais e nacionais. O significado da rede é construído na superação de conflitos e no sentimento de pertença ao grupo e se solidifica na construção do projeto coletivo.

Os projetos coletivos apresentam-se como forma de objetivos a serem alcançados em função de acordos previamente estabelecidos e selecionados que dão significados pessoais e coletivos aos processos de mudança. Eles têm uma importância e significação sociológica fundamental ao fazer a mediatização entre o passado (situação atual) e o futuro (situação desejada) e a intermediação entre os princípios/valores (orientação) e os atos/escolhas (realização). A partir do projeto, a mobilidade social não é mais compreendida como trajeto socioespacial, mas como trajetória social inspirada por um projeto; o projeto é percebido como um trabalho da subjetividade dentro da qual a imaginação, a vontade, os valores e a identidade têm seu sentido. O projeto consiste numa representação global do futuro do território, dos principais problemas a resolver e das qualidades essenciais a obter (TEISSERENC, 1994); ele não se reduz a um programa de desenvolvimento. É global no sentido em que toca a todos os componentes da vida local (iniciativas culturais, iniciativa de criação de atividades, práticas de solidariedade entre as gerações) e procura levar em conta as numerosas interações entre esses componentes, e explorá-los como recursos a serviço do desenvolvimento.

Desta forma, o desenvolvimento como transformação da sociedade local consiste no movimento ou processo balizado de etapas que caracteriza a passagem de um estado "cultural" existente para outro. Ele ocorre mediante o desenvolvimento das seguintes etapas: 1. caracterização das localidades, a qual tem como objetivo estabelecer o diagnóstico de um território de maneira a analisar as condições de ação da política de desenvolvimento que ele sustenta e avaliar seus efeitos; 2. caracterização das políticas e das escolhas estratégicas, que tem por objetivo identificar a estreita ligação entre a vontade de mudança e a capacidade de iniciativa dos líderes locais para encarar os desafios econômicos e sociais diagnosticados; 3. apreensão do momento da emergência e criação dos atores do desenvolvimento, dos serviços de administração do Estado e dos serviços territoriais envolvidos nas políticas de desenvolvimento; e 4. mobilização que se organiza à proporção dos acontecimentos ocorridos no território ou a partir dos projetos iniciados pelos responsáveis locais.

O êxito da mobilização e da dinâmica iniciada pelo tecido associativo decorre da aliança realizada entre os líderes associativos e os líderes políticos e da sintonia entre o diagnóstico do território e a qualidade do projeto mobilizador. Observa-se, nas experiências estudadas, que a manutenção da mobilização implica: no ajuste das relações de forças tradicionais entre os parceiros locais (privados e públicos) e no trabalho sobre as representações do território, que favorecem os debates no seio das estruturas ou comissões criadas pelas circunstâncias. Os instrumentos de desenvolvimento e criação institucional devem responder às seguintes exigências: criação de situações que estimulem o debate nas instâncias de decisão; apreensão global da realidade (diagnóstico) do território interessado na política de desenvolvimento; avaliação em função da eficácia operacional segundo o objeto particular para o qual foram concebidos; e gestão da interface das relações entre território e suas vizinhanças. Os mecanismos de regulação deverão possibilitar a reconstituição da identidade local, de uma vivência local coletiva, de um sistema local de decisão; a mobilização das representações, da iniciativa e das populações envolvidas; e o encontro de indivíduos e de grupos, de uma pluralidade de instituições e do central e do local.

Os instrumentos viabilizadores do desenvolvimento são as agências de desenvolvimento econômico (gestão das escolas de empresas, prospecção de empresas, ações de sensibilização, ações de conselho para a criação de empresas, incentivo econômico, promoção do território, concepção de centros de recursos); os centros de recursos especializados (sociedades anônimas de capitais mistos, associando parceiros privados e públicos, especializados em tecnologias de concepção); associação dos chefes de empresas e comitê local para o emprego.

A política de desenvolvimento e criação institucional tem a função de resgate da identidade cultural, facilitação do tratamento das informações relativas a emprego, facilitação da inserção profissional, qualificação dos recursos humanos locais, reorganização de empresas, transformação dos serviços da coletividade (tornando-os parceiros eficazes da política de desenvolvimento), mobilização da população e/ou de seus representantes e articulação da iniciativa privada e as instituições públicas.

Os fenômenos de interpelação das identidades coletivas trabalham o problema da adaptação dos conhecimentos e das habilidades antigas às novas condições de produção, ao mesmo tempo que evita a marginalização das populações não qualificadas.

As pistas de reconstituição das identidades coletivas passam pela identificação, em cada localidade, da maneira como procedem os parceiros locais para mobilizar e valorizar as identidades existentes e pela busca, na história coletiva, dos elementos constitutivos de identidades capazes de impulsionar um outro modo de desenvolvimento.

As principais características do desenvolvimento local são:

- a iniciativa tem raiz no encontro de uma criação cultural inscrita numa memória coletiva e de uma rede associativa levada pela vontade de se afirmar uma identidade regional;
- a valorização dos produtos locais e iniciativas locais de qualidade, que tem

como efeito a valorização do território e seus produtos;

- a apropriação dos eventos de fortalecimento das identidades culturais pelos parceiros políticos e os sócio-profissionais, sem prejudicar a dinâmica original;
- o exercício do processo de aprendizagem coletiva pela população local que aceita inscrever-se em tal processo, reforçando a mobilização;
- a emergência de cidadãos, novos atores, reivindicando uma fixação local; a dinâmica local desencadeada, difundindo-se geograficamente para outros espaços sociais; e
- a busca de um equilíbrio frágil entre uma promoção não seletiva de produtos locais, que encoraja a maioria dos atores locais (artesãos, comerciantes, agricultores, pecuaristas, profissionais liberais) e uma preocupação com marketing, marcada pelo pensamento de distinção de produtos de qualidade destinados a públicos aos quais deseja atingir.

A construção comunitária opera-se a partir de um projeto fundador que mobiliza uma boa parte da população e interpela seu sistema de representações e valores. Observa-se que, nas localidades onde as referências culturais são menos acentuadas e as identidades sociais menos reproduzidas, a política de desenvolvimento visa, explicitamente, criar novas identidades coletivas cujo obstáculo cultural se mostra central, mais que o das capacidades técnicas: é preciso mudar as mentalidades, os comportamentos coletivos, os valores, as regras morais para que as relações entre os homens possam produzir outros resultados (TEISSERENC, 1994). A economia local, portanto, não é mais entendida como estando essencialmente constituída de relações entre apenas atores econômicos, mas por múltiplas redes socioeconômicas, articuladas entre eles por ações transversais.

Fundamenta-se sobre a aceitação de uma divisão de trabalho entre o Estado (competências técnicas) e as coletividades (expressão das necessidades da população) como um poder de resistência às injunções do centro e de filtração da ação burocrática; como encorajador de um tipo particular de iniciativas da parte dos representantes eleitos; e no exercício da democracia local, caracterizada por uma fraca renovação das elites nos partidos eletivos e uma dupla transferência de responsabilidade entre a direção da burocracia territorial (que a autoridade fortalece, domina e utiliza) e os representantes eleitos (que legitimam as intervenções junto à sociedade civil).

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa. Em relação aos objetivos, a pesquisa foi de caráter descritivo e, quanto aos procedimentos, foi realizada uma pesquisa documental e de campo. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada com sujeitos-atores do processo, que exercem funções que

viabilizam o funcionamento do evento. O Quadro 2 a seguir especifica a amostra por conveniência definida para a pesquisa.

Quadro 2 – Público alvo da pesquisa

SUJEITOS	TOTAL
Prefeito de Campina Grande	01
Coordenador de Turismo	01
Gerente de Eventos	01
Quadrilha Mistura Gostosa	30
Coordenador e Marcador de Quadrilha	01
Costureira	01
Representante da Igreja Católica	01
Jornalista – Paraíba online	05
CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas	01
Diretora da Casa do Artesão	01
Representante de escola pública	02
Total	45

Fonte: Elaboração própria.

As etapas de realização da pesquisa foram: A - **Levantamento de dados** - realização de visitas em órgãos públicos, municipais e privados e realização de entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas e transcritas; B - **Pesquisa bibliográfica específica e documental** - seleção e escolha das principais referências bibliográficas, pesquisa em revistas, sites e periódicos sobre a evolução do festival folclórico divulgados na imprensa nacional e internacional, visitas às instituições turísticas e bibliotecas da cidade para **reconstrução de** um quadro panorâmico de **caracterização** da história/origem do São João de Campina Grande; e C - **Tratamento dos dados** - codificação, análise de conteúdo e interpretação dos dados.

De acordo com Franco (2008), “o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (p.12). Para este trabalho, foram consideradas as mensagens verbais emitidas pelos pesquisados a partir da provocação dos pesquisadores sobre as variáveis e indicadores que compõem as categorias analíticas definidas. Partiu-se do pressuposto de que o sucesso da constituição do desenvolvimento local sustentável é influenciado por alguns fatores, indicados no Quadro 3 a seguir, os quais funcionam como mecanismos de sustentação do processo.

Quadro 3 – Categorias analíticas

CATEGORIAS ANALÍTICAS	
Variáveis	Indicadores
Desenvolvimento Local Sustentável Para Brito (2005), "É um processo de articulação, coordenação e inserção dos empreendimentos empresariais, associativos e individuais, comunitários, urbanos e rurais, a uma nova dinâmica de integração socioeconômica de reconstrução do tecido social de geração de emprego e renda".	Atores Sociais - "[...] são aqueles cujas qualificações e competências os predestinam a representar um papel particular na realização das políticas de desenvolvimento tais como diretores de serviços ou de agências de desenvolvimento; representantes institucionais; encarregados de funções; gerentes de projetos; empresários; lideranças comunitárias; operadores (responsáveis de colocar em prática as políticas); e representantes eleitos quer sejam incentivadores ou não das políticas de desenvolvimento" (TEISSERENC, 1994 p. 4).
	Redes Sociais - resultam do apoio integral das redes naturais/informais, funcionais e utilitárias, visando a cooperação mútua que consiste no conjunto de atores sociais interdependentes que superam antagonismos locais construídos na prática cotidiana de resolução de problemas e elaboração e execução de programas integrados em parcerias com os poderes públicos territoriais e nacionais (TEISSERENC, 1994 apud BRITO, 2005).
	Projeto Coletivo - apresenta-se como forma de objetivos a alcançar em função de acordos previamente estabelecidos e selecionados que dão significados pessoais e coletivos aos processos de mudança [...] consiste numa representação global do futuro do território; dos principais problemas a resolver; e das qualidades essenciais a obter (TEISSERENC, 1994 apud BRITO, 2005)
	Sistema Institucional – organizações que viabilizam o DLS.
Cultura Para Mota (1997, p. 34), "a cultura fornece aos grupos e às nações um referencial que permite aos homens atribuir um sentido ao mundo [...] e às suas próprias ações.	Brasileira – "Os principais traços culturais presentes nas empresas brasileiras, segundo Prates e Barros (1997), são: concentração de poder, flexibilidade, paternalismo, lealdade às pessoas, personalismo, impunidade, tendências a evitar conflito, postura de espectador e formalismo" (CARVALHO; LEITÃO, 1999, p. 26).
	Organizacional - poderoso mecanismo que visa conformar condutas, homogeneizar maneira de pensar e viver a organização, introjetar uma imagem positiva da mesma, na qual todos são iguais, escamoteando as diferenças e anulando a reflexão.

Fonte: Elaboração própria.

As falas dos pesquisados foram gravadas e transcritas para um texto escrito. Depois, foram analisadas e foram vistos os pontos em comum das falas dentro de cada categoria analítica.

RESULTADOS

Ambiência da pesquisa

Na Região Nordeste do Brasil, as festas juninas sempre estiveram associadas ao mundo rural. É um ciclo de festas transposto da Europa que, aqui, comemora especialmente a colheita do milho, cuja plantação coincide, mais ou menos, com o dia 19 de março, no qual o catolicismo homenageia a São José. Nesse período, o catolicismo comemora, ainda, os santos populares: Santo Antônio - 13 de junho, São João - 24 de junho e São Pedro - 29 de junho. A tradição de acender fogueiras e reunir as famílias motivou o desenvolvimento de uma série de festejos populares, nos quais predominam: uma gastronomia própria, os costumes da dança (principalmente a quadrilha) e a música, que se adaptaram às condições do clima, além do uso dos fogos de artifício e de brincadeiras. A religiosidade popular deu ênfase, também, às ocorrências da arte de adivinhar.

A Festa “O Maior São João do Mundo” teve sua institucionalização e seu início na década de 1980 e alcançou expressão massiva, em que milhares de pessoas de várias partes do país e do exterior vêm para participar desse evento, que expressa a cultura nordestina.

Na década de 1980, as comemorações de São João passam a ser realizadas de acordo com estratégias decididas pelo poder público municipal. O Prefeito Enivaldo Ribeiro (mandato de 1979 a 1982) deslocou o evento dos bairros para centralizá-lo no Palhoção, um grande e rústico barracão montado com madeira e coberto com palhas de coqueiros. A festa começava a atender à lógica do desenvolvimento sustentável, de modo a impulsionar o avanço econômico de Campina Grande (NÓBREGA, 2010, p. 46).

Os festejos juninos eram comemorados nos bairros de Campina Grande durante o São João, de onde surgiu uma infinidade de arraiais e quadrilhas improvisadas; famílias fechavam as ruas para acenderem suas fogueiras e brincar quadrilhas.

O Maior São João do Mundo se define num quadro em que a cultura junino-festiva se deriva de uma considerável força popular que foi percebida e aproveitada pela classe política local já a partir de meados da década de 1970, época em que a Prefeitura Municipal começou a institucionalizar o evento. Essa política tomou maiores proporções com as iniciativas do Prefeito Ronaldo José da Cunha Lima que, ao assumir a administração local em 1983, começou a implantar, no plano simbólico e em ações práticas, projetos para transformar a festa junina da cidade num grande evento, culminando na criação do Maior São João do Mundo (NÓBREGA, 2010, p. 24-25).

Atualmente, o Maior São João do Mundo possui um calendário de trinta dias de festa, um empreendimento público de caráter massivo e promocional para o turismo cultural da região.

O Maior São João do Mundo, portanto, define-se na utopia de um importante tipo de celebração da atualidade que utiliza a religião apenas como pano de fundo, ao cooptar o

plano simbólico histórico e identitário da cultura popular motivada por crenças cristãs e suas derivações, mas na forma de espetáculo transversalmente culturais, de acordo com os modelos da contemporaneidade (NOBREGA, 2010, p. 48).

A realização dessa festa, considerada um megaevento na localidade e na região, passou a estabelecer novas relações econômicas, políticas, culturais e turísticas do Estado com a localidade e com os demais municípios da região.

Caracterização dos pesquisados

Os atores que compõem o grupo administrativo e técnico é formado por pessoas que exercem cargos formais na estrutura administrativa da cidade, tais como: prefeito, coordenador de evento, presidente de associação e representantes da escola e da igreja. O grupo dos quadrilheiros pode ser caracterizado como composto por jovens entre 15 a 30 anos de idade, classe trabalhadora de renda baixa, ou seja, de renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos, solteiros em sua maioria, estudantes de nível fundamental e médio. Observou-se um grupo bastante democrático, sem discriminação de cor, idade, religião, estética corporal, estado civil e orientação sexual.

Análise dos achados

Parte dos relatos obtidos, aqueles que traduzem a essência das ideias apresentadas, está demonstrada nos Quadros a seguir.

Como se pode observar nos Quadros 4 e 5, para os atores citados do processo, “O Maior São João do Mundo” significa mobilização e articulação das pessoas, renda e retorno financeiro significativo, além de valorização da cultura regional para a cidade e manifestação do orgulho de pertencer à comunidade local. Fica claro no discurso do Prefeito, por exemplo, a necessidade do poder político formal da cidade de se engajar no processo que vem de baixo para cima, para não perder o apoio popular. Assim, a Prefeitura atua estimulando as iniciativas locais de desenvolvimento, corroborando Albuquerque (1998, p. 92), e promovendo a divisão de trabalho entre o Estado (competências administrativas e técnicas) e as coletividades (expressão das necessidades da população).

Quadro 4 - Percepção dos entrevistados A sobre o significado do “Maior São João do Mundo”
 Recuar o Quadro?

SIGNIFICADOS PARA OS ATORES SOCIAIS DO “MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO”	
Ator	Relato
Prefeito	Tenho sentimento de orgulho, de muito orgulho. Todos nos falamos com muito orgulho, com muita alegria. Não é simplesmente aquilo que a gente alimenta, não é ufanismo sem razões.
Coordenador de evento	Chegar no Parque do Povo e ver mais de cem mil pessoas e não ter uma confusão...dá orgulho em saber que você contribuiu com um pedacinho.
Gerente de evento	Primeiro tenho sentimento de muito orgulho, porque fazer quadrilha é uma coisa que tá na raiz, no ser humano, não é qualquer um que vai fazer quadrilha.
Padre	É uma festa que reúne e tem seu lado positivo pela enorme confraternização popular, desde a criança ao mais maduro frequentam o Parque do Povo nesta época.
Costureira	O sentimento que tenho é de alegria. Quando tem concurso de quadrilhas, vou atrás para ver os meus vestidos.
	Existe uma união de todos para fazer roupas de quadrilha.
Coordenadora Pedagógica	O Nordeste é visto de maneira pejorativa, chamado de Paraíba e, quando tem esse evento, ficamos lisonjeados com os elogios que fazem.
	Aqui já é tradição, o povo de Campina tem orgulho, o povo mais simples preserva as quadrilhas e artesanatos.
	Se a Prefeitura dissesse que não ia haver festa, seria uma revolução.
Associação do Comércio	Significa um evento importantíssimo para a cidade do ponto de vista cultural e comercial. Pena que as bandas de forró de fora, que não têm nada a ver com a tradição e beleza de um Luiz Gonzaga, levem boa parte do dinheiro arrecadado pelo evento
Coordenador	Ah! Você se sente orgulhoso, você se sente artista, você se sente uma pessoa especial, uma pessoa que tem algo a mostrar, algo a ensinar. Já que a gente começou na escola, na quadrilha da escola, quadrilha tradicional que não tinha nenhuma organização...era você sair de casa e botar um remendo na calça, na camisa, pintava bigode e ia.

Fonte: Pesquisa, 2012.

Quadro 5 - Percepção dos entrevistados B sobre o significado do "Maior São João do Mundo"

SIGNIFICADOS PARA OS ATORES SOCIAIS DO "MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO" (Relato dos Participantes de Quadrilhas)
É uma festa popular que tem um grande significado para o povo nordestino. Nele, é sempre mantida a tradição de ser uma festa de reunião familiar, na qual está presente uma manifestação cultural espontânea, a qual tem movimentação e atração turística.
[...] onde se reúne o sacro e o profano.
O festejo junino é uma realização de grandes sonhos. É nesse período que o povo nordestino pode apresentar com mais garra todo o seu ideal, suas crenças, sua fé e o orgulho de ser este povo tão forte e trabalhador. [...] leva à família nordestina a alegria, a esperança e a renovação da fé.
O SJ é tudo. O que seria eu sem o forró e a quadrilha? Para mim, não existe festa melhor para transmitir alegria, emoção, comer um milho, soltar balão, pular fogueira. Enfim, não tem outra festa melhor.
O SJ é a festa mais rica em cultura que existe. São vários tipos de danças e várias comidas típicas. Em si, tem tudo que o brasileiro quer para uma boa festa. Tem quadrilha junina que é a maior representação do Maior SJ do Mundo.
[...] para o campinense, essa grande festa é de extrema importância, pois traz um capital muito bom e ajuda nos investimentos do Estado. [...] ser quadrilheiro não é apenas movimentar o corpo e dançar e sim entregar-se de corpo e alma.
É uma festa de alegria. [...] A motivação enche nossos corações de amor, felicidade, paixão e, acima de tudo, de dedicação [...] somos quadrilheiros acima de tudo.
Significa, para mim, uma tradição sem comparação, o quadrilheiro se prepara para o SJ, que é a melhor festa do mundo.
O SJ é uma das maiores festas que tem em CG e, para nós que dançamos quadrilha, é a época que gostamos mais. [...] É uma tensão muito grande.
O SJ, para mim, é a maior festa, pois é onde consigo me divertir, ou seja, é o meu amor maior.
Gostaria que a Prefeitura abrisse mais as portas para os grupos culturais, que merecem o seu valor na cultura popular...as quadrilhas deveriam ser mais valorizadas.
Significa representar a cultura popular brasileira, a cultura nordestina. Vai além de apenas representar, é mostrar através da cultura e da arte o amor por nossa região e poder passar, através da dança, todo este amor por nossa terra.
É a melhor época do ano, pois recebemos turistas de diversos países.
O Maior SJM é uma festa onde, sim, podemos levar nossa cultura ao auge, até porque, nesse contexto, nós quadrilheiros temos o prazer de sentir o nosso sangue pulsar e mostrar o que tem de mais prazeroso entre nós.
Sinto a maior satisfação [...] O São João é uma das festas que eu tenho o prazer de prestigiar e participar e, apesar de fazer cursinho, gasto um tempo a mais neste meio cultural e artístico.
Deus é fiel, amor é raiz.
O que eu sinto é emoção e a expectativa dos concursos de quadrilha, onde eu participei desde 2009 e não larguei mais.
OMSJM é viver, amar, sentir e simplesmente se emocionar a cada momento que sinto a alma do SJ se aquecer em mim. Sem SJ, eu não vivo.
É uma festa cultural que é um símbolo de uma das festas melhores do mundo.

Fonte: Pesquisa, 2012.

Entender que a cultura regional é uma dimensão fundamental do evento. É interessante lembrar que algumas falas se referiram à quadrilha como uma dança nobre da corte francesa, o que pode significar a necessidade de valorização do povo campinense a partir de uma referência externa - o povo francês, e, assim, diminuir simbolicamente o distanciamento entre o povo e a elite. Por ocasião das apresentações, os dançarinos, de origem humilde, vestem-se com roupas luxuosas, transfiguram-se e são, por breves momentos de sua existência, como “nobres europeus”. O cardápio com as tradicionais comidas regionais: carne de sol, paçoca, milho, tapioca, cuscuz e queijo de coalho, é agora acrescido do “creme de galinha” e até estrogonofe, comidas importadas da Europa que supostamente valorizariam a riqueza da culinária regional. A rica e transbordante afetividade do povo, traduzida na criatividade dos inúmeros elementos que compõem o evento, dos adereços e roupas aos trios “pé de serra”, ainda não é valorizada devidamente por todos, ao compartilhar, por exemplo, espaços com bandas de “tecnoforró” de outros Estados, que se apropriam de parte significativa dos recursos que entram na cidade no período junino.

Para os participantes das quadrilhas, que é a “alma” do São João, o evento que reúne o sacro e o profano, é uma festa familiar, tradicional, cultural e artística, e que representa o amor pela região e o orgulho de ser nordestino – povo forte e trabalhador, e que, portanto, mobiliza emoções positivas como amor, alegria, paixão, entrega e dedicação.

O evento dá sentido à existência destes sujeitos, os quais, a partir dele, podem construir identidade, manifestar toda a sua afetividade, desejo de reconhecimento, de ser especial e de ser valorizado. Um dançarino relatou que, quando dança, “a alma sai de dentro dele” e que, ao final da apresentação, em êxtase, muitos colegas, como ele, desmaiam.

PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO À EMERGÊNCIA DOS ATORES SOCIAIS

Quadro 6 - Emergência dos Atores Sociais

EMERGÊNCIA DOS ATORES SOCIAIS	
Ator	Relato
Prefeito	A coordenação institucional que assumimos em 2005 impunha o dever de absorver a responsabilidade de dar contorno a uma festa que já era consagrada em Campina Grande [...] como festa também consagrada principalmente para nós nordestinos.
Coordenador de Evento	No meu caso particular, sou agente político, sou jornalista e advogado e estou Coordenador de Turismo e já tinha trabalhado com o evento São João, só que de uma outra forma, com a Pré-Turismo. Daí, o Prefeito viu o meu trabalho e me convidou, não pela minha competência e mais por dedicação política.
Gerente de evento	A minha história com as quadrilhas é muito longa. Na verdade, cheguei até a Prefeitura por ter convivência com alguns segmentos, dentre eles as quadrilhas, e fiz quadrilha uns 22 a 24 anos e participei mais de três anos como marcador.
Padre	Além de ter apoiado algumas tentativas de implementar a religiosidade, celebrando a missa [...], levando procissões da Catedral ao Parque, fazendo entronização da Imagem de São João na capela cenográfica do Parque do Povo, [...], e também gosto de [...] participar com a minha família da parte social da festa.
Costureira	Toda vida costurei, fazia sempre roupas...há mais de vinte anos, começou o São João do jeito que é. O São João é muito bom, pois ganho dinheiro fazendo esses vestidos.
	Quando vejo meus vestidos fico muito feliz, me sinto uma artista, crio meus modelos, combino as cores, corto e costuro.
Jornalista	Não sou daqui, sou pernambucana e moro aqui há onze anos e só conhecia o São João de Caruaru e, quando vim a passeio, inicialmente, achei o São João bem diferente de lá. O São João de Campina Grande é muito diferente, tem muita participação da população.
Associação do Comércio	Na verdade, nós da Associação do Comércio, por incrível que pareça, ficamos à margem do processo, a Prefeitura não nos chama para participar. Mas tentamos influir nas decisões da cidade quando, por exemplo, nos mobilizamos e acabamos com o carnaval fora de época, que não trazia nenhum benefício para a cidade.
Coordenador de Quadrilha	Sou funcionário público municipal, trabalhei alguns anos na coordenadoria de cultura e hoje coordeno um projeto, Mais Educação, nas escolas municipais. Tenho 35 anos e, no São João de Campina, estou vivendo há 23 anos, ou seja, mais da metade da minha vida me dediquei ao São João de Campina.
Dançarino	Começamos a participar nas quadrilhas das escolas de ensino fundamental e nos bairros onde moramos.

Fonte: Pesquisa, 2012.

A emergência de atores sociais acontece de maneira formal nas escolas de ensino fundamental/públicas municipais, quando os alunos passam, pelo menos, dois meses do ano ensaiando quadrilhas. As escolas privadas e de ensino médio em geral, também costumam estimular os festejos juninos, com quadrilha ou não, com eventos educativos relacionados ao folclore, comidas típicas, música de “raiz”, roupas características etc.

Informalmente, nos bairros, os atores sociais emergem nas quadrilhas de forma espontânea, cerca de três por bairro, somando trezentas quadrilhas cadastradas oficialmente e mais umas cem estimadas que funcionam no período junino. O poder administrativo e formal da cidade reconhece a importância política de valorizar as quadrilhas como forte manifestação popular.

PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO À FORMAÇÃO DE REDES DE ATORES SOCIAIS

Quadro 7 – Formação de redes de Atores Sociais

FORMAÇÃO DE REDES DE ATORES SOCIAIS	
Ator	Relato
Prefeito	Isso nasceu nos bairros. A origem é na base dessa pirâmide. Agora, o Poder Público teve que se inserir, porque os instrumentos de funcionamento de qualificar e de profissionalizar e dar novos contornos teria que, necessariamente, ter a apresentação organizacional da Prefeitura, sem perdas daquilo que é sugerido como crítica construtiva pelas comunidades.
Coordenador de Evento	Na verdade, como funciona o São João...a parte estrutural do evento é organizada pela Prefeitura, por uma agência responsável pela captação de recursos e ainda do layout do São João. É feito um. Mas nós costumamos escutar muito os atores sociais [...] a gente tenta utilizar órgãos representativos para colher essas informações.
Gerente de evento	As redes acontecem nas quadrilhas, depois com as associações, até chegar no poder público.
Padre	A Prefeitura tem sempre aberto espaço para nós da Igreja, no sentido de levarmos um conteúdo religioso para o evento. Não é fácil, porque a questão religiosa fica “perdida” entre os tantos outros interesses que a festa naturalmente demanda, entre eles, o comércio, que é o mais forte ao meu ver. Mas há um diálogo próximo entre a Igreja, padres, organizadores e a população que participa.
Coordenadora Pedagógica	A escola entra no clima decorando a escola, pois, como bons nordestinos, gostamos de forró - a dança expressa emoção, um sentimento.
Associação do Comércio	Não fazemos parte oficialmente da rede de atores sociais que viabiliza o evento.
Coordenador de quadrilha	Ser hoje líder de uma quadrilha não é tão fácil. Imagine você, lidar com muita gente, o nosso grupo já chegou a mais de 100 pessoas.
Dançarino	Nós formamos nosso relacionamento com os amigos quadrilheiros de forma espontânea e natural na realização das quadrilhas.

Fonte: Pesquisa, 2012

Os relatos parecem indicar que a formação de rede de relacionamentos espontâneos ocorre nas quadrilhas e, no máximo, nas associações. Na dimensão mais ampla – na coordenação do evento como um todo, as redes formais são determinadas e construídas pela prefeitura e empresas que patrocinam o evento. Assim, a formação de redes de relacionamentos dá-se em dois níveis: num nível horizontal, entre os quadrilheiros (dançarinos, músicos, coreógrafos, costureiras, dentre outros) e entre as elites políticas e econômicas do município e do Estado; no nível vertical, da base para a cúpula e vice-versa, entre quadrilheiros, associações, sindicatos e o Estado – poder político e administrativo.

No atual momento, a Prefeitura de Campina Grande está tendo apoio do Governo Federal, mas não tem recebido, por divergências políticas, verbas do Governo Estadual da Paraíba. Fato que significa que a formação de redes ainda não é formalizada e depende do personalismo nas relações.

PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO AO PROJETO COLETIVO

Quadro 8 – Projeto Coletivo

PROJETO COLETIVO	
Ator	Relato
Prefeito	Participam dele muitas entidades, muitos atores, [...]. A Prefeitura é a responsável principal de conduzir o projeto, mas [...] você tem a comunidade nos seus bairros, a Associação Comercial, a Câmara dos Dirigentes Lojistas, [...] você tem uma tímida participação do Governo do Estado.
Coordenador de Evento	A gente só escuta conversando...ainda não existe, por parte dos atores sociais, uma organização que faça, de fato e de direito, o que eles desejam que estejam no projeto do São João.
Gerente de evento	Existe um planejamento, as quadrilhas ajudam através das Associações, cada uma faz e as decisões são tomadas pelo sindicato. Ninguém consegue fazer nada sozinho, ajudamos nas regras e eles entram com a estrutura, dividem as responsabilidades.
Padre	A festa é organizada pela Prefeitura e empresas que patrocinam o evento [...] [pois a realização do evento demanda uma] uma estrutura gigantesca, e sempre temos presenciado que há crescimento nesta área. Depois, vejo que é uma possibilidade de ampliar e fazer girar a economia da cidade.
Coordenadora Pedagógica	A Secretaria de Turismo é quem faz o planejamento prévio que, a cada ano, vai acrescentando e melhorando.
Associação do Comércio	Não somos convidados a participar do planejamento do "Maior São João do Mundo". Entretanto, consideramos o evento fundamental para a cidade, pois é a segunda maior receita do comércio, depois do Natal.

PROJETO COLETIVO	
Ator	Relato
Coordenador	No Projeto Quadrilhação, nós atendemos cerca de 40 pessoas na oficina e aí vai, se multiplicado. Na verdade, um aluno aprende e, quando chega em casa, passa pro irmão, já passa prá família, então, assim, nós não temos noção de quanto é de pessoas que a gente vem atingindo, mas, assim, por oficina, são 40 e são 6 oficinas que dá 240...aí multiplica...
Dançarino	Nós planejamos nossa quadrilha a partir de um tema com a colaboração de todos os quadrilheiros.

Fonte: Pesquisa, 2012.

O planejamento ocorre de forma coletiva nas quadrilhas, como se pode observar nos relatos, e é passado por meio das lideranças de base para as lideranças políticas. É importante resgatar que o êxito da mobilização e da dinâmica iniciada pelo tecido associativo decorre da aliança realizada entre os líderes associativos e os líderes políticos e da sintonia entre o diagnóstico da situação local existente e a qualidade do projeto mobilizador – neste estudo, o “Maior São João do Mundo”. No caso, o projeto refere-se apenas ao evento, ou seja, não consiste numa representação global do futuro do território, dos principais problemas a resolver e das qualidades essenciais a obter (TEISSERENC, 1994), embora tenha influência no município como um todo.

PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO AO SISTEMA INSTITUCIONAL

Quadro 9 – Sistema institucional

Sistema Institucional	
Ator	Relato
Prefeito	A coordenação institucional que assumimos em 2005 impunha o dever de absorver a responsabilidade de dar contorno a uma festa que já era consagrada em Campina Grande como festa também consagrada principalmente para nos nordestinos festejos juninos e as particularidades que neles inserido parte cultural expressão musical forró, o que vemos paralelamente o artesanato, gravuras, com o cordel, todas essas expressões que mais são realçadas no período junino. Fala original do sujeito pesquisado, cujo significado é: (para nós nordestinos os festejos juninos e as particularidades que estão neles inseridas partem da cultura, do forró, do artesanato, das gravuras, e do cordel, [...] uma festa nascida não por uma imposição gestada tão somente do ente público, mas nascida da presença do envolvimento da própria cidade...isso se deu aqui.

Coordenador de Evento	Existe uma Associação de Quadrilhas que englobam todas aquelas que querem algum apoio logístico, por exemplo, da Prefeitura. A Prefeitura tem como conduta não interferir. A Prefeitura tem uma relação onde fazem as reivindicações e ela vê o que é possível atender. [...] A Prefeitura, portanto, se mantém no papel de parceira, ela dá o que for possível...ainda...acho que pouco, na minha visão, porque ela fomenta um objetivo do São João gerar diversão [...]
Gerente de evento	Existe um planejamento, as quadrilhas ajudam através das Associações... cada uma faz e as decisões é tomada pelo sindicato. Ninguém consegue fazer nada sozinho...ajudamos nas regras e eles entram com a estrutura, dividem as responsabilidades. ASPJU surgiu uma instituição, uma parceira que está dando muito certo.
Coordenadora Pedagógica	Os sujeitos da ação que quem cuida a Secretaria de Turismo que faz planejamento prévio, que, a cada ano, vai acrescentando e melhorando.
Jornalista	[...] onde surge o diálogo do Poder Público e Sociedade.

Fonte: Pesquisa, 2012.

Com relação à criação de instituições, observa-se que os respondentes só percebem as associações relacionadas às quadrilhas: “A ASPJU surgiu como uma instituição, uma parceira, e está dando muito certo” (sic gerente de evento), o que sinaliza para a criação de organizações informais de bairros na base comunitária. Estas organizações articulam-se em associações que são mobilizadas pela prefeitura.

Conforme se observou nos relatos do Quadro 9, o sistema de parcerias que constitui a realização do evento está ligado às instituições públicas, tendo, esporadicamente, apoio de algumas associações, mas está longe de ser uma parceria de igual para igual; apenas em dados momentos, essas associações são ouvidas para que sejam atendidas as necessidades de infraestrutura para o evento.

Ficou claro nos discursos que as parcerias têm o compromisso de apoiar a cultura através das quadrilhas, artesãos e trios de forró, no intuito de transformar isso em artigo turístico. Verifica-se que o **São João** é valorizado a partir da lógica econômica. Não existe um objetivo comum, ou seja, as relações estabelecidas entre as instituições públicas e associações **não são baseadas em** metas e ações comuns para a realização do evento. Fato que contradiz Rosa (2002) quando afirma que um processo institucional visa somar esforços de coordenar ações, gerando sinergia e potencializando os resultados para o desenvolvimento local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os objetivos propostos neste estudo e as categorias de análise estudadas, pode-se verificar as seguintes sinalizações sobre o DL e o fenômeno do “Maior São João do Mundo”: a ambiência local favorece a emergência de inúmeros atores sociais provenientes dos festejos juninos, principalmente nas quadrilhas de bairros; a formação de redes de relacionamentos dá-se em dois níveis: num nível horizontal, entre os quadrilheiros

(dançarinos, músicos, coreógrafos, costureiras, dentre outros) e entre as elites políticas e econômicas do município e do Estado; no nível vertical, da base para a cúpula e vice-versa, entre quadrilheiros, associações e o Estado - poder político e administrativo; os projetos coletivos são construídos na base pelos quadrilheiros e têm caráter descentralizado e pulverizado por todos os bairros, entretanto, a grande organização e planejamento do evento como um todo são viabilizados pelo Estado, materializados pela Prefeitura e patrocinadores; e as instituições viabilizadoras do processo são as associações que exercem poder político junto ao poder constituído. De um modo geral, todos os respondentes percebem o evento como promotor do DL. Pode-se aferir que existe um grande potencial no local para a realização de movimentos de influência da base para a cúpula política e administrativa, indícios de possibilidade de concretização de DL.

Os limites do presente estudo devem-se ao fato de que a visão sociológica não dá conta de todos os elementos que compõem a complexidade da realidade. Como sugestão para outras pesquisas, pode-se indicar o levantamento de outros dados complementares para estudar o desenvolvimento local sustentável a partir de pressupostos não adotados neste estudo, como educação, saúde, distribuição de renda e melhoria da qualidade de vida do conjunto da população.

NOTA

1 Submetido em: 6 maio 2014. Aceito em: 15 jul. 2014.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco. **Desenvolvimento Local e distribuição do progresso técnico, uma resposta às exigências do ajuste estrutural**. Fortaleza: Ed. Banco do Nordeste, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Portugal: Ed. Memórias e Saudades, 1989.

BRITO, Lydia Maria P. **Desenvolvimento Local - alternativa de desenvolvimento sustentável no capitalismo?** In: ENEGEP, 26, **Cadernos de Resumo**, 2005.

BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Brasília: Ed. IICA, 1998.

_____. **Metodologias do planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. 2. ed. Recife: Ed. IICA, 1999.

MOTTA, F. C. P; CALDAS, M. P. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997.

NÓBREGA, Zulmira Silva. **A festa do maior São João do mundo**: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande. Salvador: EDUFBA, 2010, 303 p.

RIBEIRO, Edinelza Macedo. **Desenvolvimento local sustentável e o fenômeno cultural dos bois-bumbás de Parintins**: um estudo de caso. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Potiguar. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Natal, 2008.

SCHEIN, Edgard H. **Cultura organizacional e liderança**. São Paulo: Atlas, 2009.

SCHERER, Warren I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edição Loyola, 1993.

TEISSERENC, Pierre. **As políticas de desenvolvimento local, abordagem sociológica** - Coleção Coletividades Territoriais. Paris: Editora Econômica, 1994.

TOURAINÉ, Alain. **Le retour de l'acteur** - essai de sociologie. Paris: Fayard, 1984.

**Lydia Maria
Pinto Brito**

Mestrado em Sociologia e doutorado em Educação pela UFC. Professora dos Mestrados de Administração e Psicologia Organizacional e do Trabalho da Universidade Potiguar – UNP - Laureate International Universities

**Maria Érica de
Lira Santos**

Graduada em Administração - UFPB. Especialista em Gestão Empresarial e de Pessoas - UNP. Mestre em Administração pela Universidade Potiguar - UNP - Laureate International Universities.

**Fernanda
Fernandes
Gurgel**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Doutora em Psicologia Social pela UFRN/UFPB e Professora da UFRN.